

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.008](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.008)

# AS MULHERES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: PROBLEMATIZANDO O ESPAÇO DOMÉSTICO A PARTIR DE ARTESANATOS EM CROCHÊ

Márcia Alves da Silva

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, [profa.marcialves@gmail.com](mailto:profa.marcialves@gmail.com)

## RESUMO

O artesanato foi e ainda tem sido uma prática realizada majoritariamente por mulheres em muitos lugares, e isso atravessa diversas gerações. Será que foi esse vínculo com o feminino que fragilizou o artesanato frente ao processo de fabricação industrial? Qual a relação desses trabalhos/atividades com os espaços públicos e privados? E, mais ainda, qual a relação dessa discussão com o patriarcado e o processo de submissão das mulheres? Este ensaio - embora esteja longe de responder a todas essas perguntas - se propõe a se aproximar dessa discussão, problematizando a pauta feminista da dicotomia público-privado, a partir do viés do espaço doméstico. Para isso utiliza, como fio condutor, o trabalho artesanal, mais especificamente, o artesanato em crochê. Com esse intuito traz à tona memórias de Maria, que foi costureira e teve sua vida muito envolta pelo crochê. Para a construção do corpus do texto me reporto a arte de confeccionar guardanapos de crochê, enquanto técnica artesanal muito utilizada por diversas gerações de mulheres, em diálogo com o conceito de divisão sexual do trabalho, problematizando o trabalho feminino e o doméstico na sua intersecção com o artesanato. Assim, primeiramente apresento a importância teórico-metodológica do uso da memória no resgate das trajetórias de vida, defendendo seu uso nas pesquisas com mulheres.

Na sequência trago um pouco da história do crochê, contextualizando o seu desenvolvimento ao longo do tempo e argumentando a importância dessa estratégia para pensar as trajetórias de vida das mulheres. E, para finalizar, apresento duas artistas contemporâneas, onde uma delas utiliza o artesanato em crochê em suas obras, provocando as mulheres, dessa forma, a se pensar e repensar suas trajetórias no mundo, entre os espaços público e privado.

**Palavras-chave:** Trabalho feminino; Memória; Artesanato; Divisão sexual do trabalho.

## INTRODUÇÃO

Esta escrita busca fazer uma reflexão crítica sobre as trajetórias de mulheres na contemporaneidade, enquanto resultado de uma construção historicamente realizada que subjugou as mulheres, que foram sendo controladas por relações de poder advindas do patriarcado e implementadas pelo capitalismo moderno. Para isso, se problematiza os espaços domésticos, considerando-os foco de nossa atenção para uma aproximação com as identidades femininas, tentando compreender sua complexidade. Interessa aqui trazer à tona o contexto social, de vida e de trabalho vivenciado por tantas gerações de mulheres, enquanto fruto de uma sociedade capitalista de consumo, machista e patriarcal.

Para isso trago à tona minha própria memória da infância e também da vida adulta. Para a construção do corpus do texto me reporto a arte de confeccionar guardanapos de crochê<sup>1</sup>, enquanto técnica artesanal muito utilizada por diversas gerações de mulheres, em diálogo com o conceito de divisão sexual do trabalho, problematizando o trabalho feminino e o doméstico na sua intersecção com o artesanato.

Como pesquisadora nas áreas de gênero e feminismo, trabalhei anos com histórias de vida de mulheres artesãs. Também coordenei projetos de extensão universitária, onde dentre as atividades propostas, a principal era a realização de oficinas de artesanato com os mais variados grupos de mulheres, inclusive dentro da própria academia, com estudantes universitárias. Talvez seja desnecessário dizer que amo artesanato e também faço crochê e outras técnicas. Portanto, não é à toa que me envolvi academicamente com esse tema.

Sabemos que o artesanato foi e ainda tem sido uma prática realizada majoritariamente por mulheres, e que atravessa diversas gerações. A prática do artesanato está muito vinculada ao fazer feminino, mesmo quando consideramos a diversidade de culturas

1 Crochê ou crochet (em francês *crochet*) é uma espécie de artesanato feito com uma agulha especial, dotada de um gancho. Consiste em produzir um trançado semelhante ao de uma malha rendada. (In: [<https://pt.wikipedia.org/wiki/Croch%C3%AA>]. Acesso em 25 nov. 2019).

locais. Daí fico me perguntando: será que foi esse vínculo que fragilizou o artesanato frente ao processo de fabricação industrial? Qual a relação desses trabalhos/atividades com os espaços públicos e privados? E, mais ainda, qual a relação dessa discussão com o patriarcado e o processo de submissão das mulheres?

Dessa forma, este ensaio – embora esteja longe de responder a todas essas perguntas – se propõe a se aproximar dessa discussão, problematizando a pauta feminista da dicotomia público-privado, a partir do viés do espaço doméstico. Para isso utiliza, como fio condutor, o trabalho artesanal, mais especificamente, o artesanato em crochê.

Portanto, primeiramente apresento a importância teórico-metodológica do uso da memória no resgate das trajetórias de vida, defendendo seu uso nas pesquisas com mulheres. Na sequência trago um pouco da história do crochê, contextualizando o seu desenvolvimento ao longo do tempo e argumentando a importância dessa estratégia para pensar as trajetórias de vida das mulheres. Neste momento, desenvolvo memórias de minha própria história, a partir do artesanato realizado em crochê, aliando essas memórias às vidas das mulheres, dando destaque a uma mulher que conheci, ainda na minha juventude, chamada Maria, que teve sua vida muito envolta pelo crochê. Embora Maria tenha sido uma mulher real que conheci na minha trajetória, representa aqui a vida de muitas mulheres brasileiras pobres. Portanto, quando me refiro à vida de Maria, me refiro também às muitas “Marias” brasileiras.

Para finalizar, apresento duas artistas contemporâneas. Uma delas inclusive utiliza o artesanato em crochê em suas obras. Ela problematiza o patriarcado utilizando o crochê, provocando as mulheres, dessa forma, a se pensar e repensar suas trajetórias no mundo, entre os espaços público e privado.

## **O USO DA MEMÓRIA NO RESGATE DE TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES**

O patriarcado cria e sustenta uma estrutura de poder que mantém as mulheres em situação de subordinação aos homens em diversos âmbitos. Para Toledo,

A mulher nasce e é educada para ser oprimida, para saber “o seu lugar” no mundo que é sempre, em qualquer âmbito, um lugar subalterno. É configurada para aceitar essa condição como se fosse algo natural e, ainda por cima, com um sorriso nos lábios; contido, claro. Essa ideia, que a imensa maioria das mulheres introjeta sem qualquer tipo de questionamento, assenta-se na função maternal da mulher para justificar uma desigualdade entre os sexos e uma posição degradante que elas vêm suportando, com maior ou menor intensidade, desde o surgimento de formas mais ou menos estruturais de exploração dos seres humanos. (TOLEDO, 2008, p. 23).

Dessa forma, a sociedade estabelece uma discriminação de gênero, alimentando uma supremacia masculina sobre a feminina historicamente construída, sustentada por questões biológicas (determinismo biológico) mas também culturais (desigualdades de gênero), aspectos que mantêm uma realidade na qual as mulheres vivem situações de subalternidade em diversos campos, como afetivo, emocional e também no mundo do trabalho.

Na perspectiva metodológica que adotamos, o processo de investigação não trata simplesmente de descrever os elementos que compõem o objeto da pesquisa, mas de apreendê-los historicamente em seus processos, numa totalidade que não se reduz a uma descrição formal de sua composição, mas se refere a um todo significativo que apreende o objeto como expressão de sujeitos humanos em determinadas condições históricas.

Assim, quanto ao campo metodológico de pesquisa biográfica, conforme Delory-Momberger (2012, p.42) afirma, a compreensão do exercício da atividade biográfica não pode se restringir apenas ao discurso, mas se refere a uma atitude mental que se materializa em uma forma de compreensão de cada experiência. Nessa perspectiva, a biografia se refere ao conjunto de representações no qual as pessoas percebem sua própria existência. Dessa forma, se trabalha com a memória das pessoas envolvidas, reconhecendo que a memória não guarda a lembrança de todos os acontecimentos e nem os guarda da forma como aconteceram. Ou seja, é necessário que saibamos que existe um trabalho da e na memória que seleciona e guarda alguns fatos e descarta outros. Dessa forma, a

memória sofre constante atualização ao longo da vida, e esse processo acompanha uma constante construção da própria identidade das pessoas. Assim a memória e a identidade fazem parte de uma relação dialética, de forma que uma interfere na construção da outra (CANDAUI, 2012).

## **GUARDANAPOS DE CROCHÊ PARA PENSAR O DOMÉSTICO**

Minha reflexão sobre os guardanapos de crochê começa a partir de minhas próprias memórias pessoais. Durante minha infância muitas mulheres confeccionavam trabalhos artesanais em crochê, que resultavam em artefatos que eram utilizados nos espaços domésticos dos lares, tanto para embelezar o ambiente como com funcionalidade prática, como tapar algum utensílio doméstico visando proteger da poeira, guardar algum material da casa, etc. É viva na memória imagens de mulheres confeccionando artesanatos com essa técnica. É a materialidade de saberes que passavam de geração para geração, geralmente, se constituindo em aprendizados apreendidos nos espaços domésticos, enquanto aprendizagens que eram transmitidas de mãe para filha, de forma que era praticamente naturalizado que as mulheres das famílias, em algum momento, teriam acesso a esses conhecimentos.

A palavra crochê se origina de um dialeto nórdico que significa gancho, pois se refere ao formato da agulha que é utilizada para fazer as tramas, que possui esse formato em uma das pontas. Segundo historiadores, os primeiros trabalhos em crochê têm origem ainda na pré-história. Mas a arte do Crochê, como nos dias de hoje, foi desenvolvida apenas a partir do século XVI. Existem várias hipóteses sobre a origem, sendo a mais provável a de que a técnica se originou na Arábia e chegou à Espanha pelas rotas comerciais do Mediterrâneo. Posteriormente, essas técnicas se difundiram entre tribos da América do Sul, que usavam os adornos de crochê em seus rituais. Outra teoria sugere que o Crochê se originou de uma técnica de costura chinesa, chegando na Europa no século XVIII. No

entanto, o que se sabe é que o Crochê se tornou mais conhecido a partir de 1800<sup>2</sup>.

A Fig. 1, apresentada a seguir, mostra uma obra de arte confeccionada em 1880 pela pintora Mary Cassatt, que pintou sua própria irmã Lydia fazendo crochê sentada em um jardim.

**Figura 1:** Lydia Crocheting no jardim em Marly. (Óleo sobre tela). Mary Cassatt. 1880.



**Fonte:** <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/65.184/>

Sabemos que o uso que eram dados a esses artefatos são os mais variados possíveis, desde enfeites para suas próprias casas, passando por presentes até se tornarem produtos para venda, muito utilizado no Brasil como alternativa de subsistência para as mulheres mais pobres, inclusive. Outro uso dessa técnica se dava na confecção de roupas de bebês, no qual as mulheres pobres confeccionavam elas mesmas as roupas, mantas e demais acessórios. Portanto, podemos dizer que essa prática era atravessada por questões impostas pela classe social das mulheres. Talvez por isso

2 Para saber mais, ver <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/a/62581>> Acessado em 25 nov.2019.

tenha se tornado prática tão comum entre as classes populares, de onde sou oriunda.

Dessa forma, as residências eram ornamentadas com diversos trabalhos em crochê, de diversas cores e formatos. Mas o formato que mais se destaca nas minhas memórias de vida é, sem dúvida nenhuma, os famosos “guardanapos de crochê”. Os *guardanapos* geralmente possuíam formato redondo ou arredondados (como ovalados, por exemplo) e poderiam ter as mais variadas cores. Embora pudessem se constituir sozinhos, numa peça única, geralmente eram vendidos ou presenteados em maior número, compondo um “conjunto de guardanapos” de mesma cor e desenho, muitas vezes variando os tamanhos.

A seguir podemos visualizar alguns exemplos de composições dessa técnica, que mostra a infinidade de possibilidades do crochê.

**Figuras 2, 3 e 4:** Conjuntos de guardanapos de crochê.



**Fonte:** [https://www.elo7.com.br/lista/conjunto-de-toalhinhas-de-croch%C3%AA?sortBy=10&pageNum=2&query=conjunto+de+toalhinhas+de+croch%C3%AA&qrid=-jes6Bgpu0aEs&nav=sch\\_pd\\_pg\\_2](https://www.elo7.com.br/lista/conjunto-de-toalhinhas-de-croch%C3%AA?sortBy=10&pageNum=2&query=conjunto+de+toalhinhas+de+croch%C3%AA&qrid=-jes6Bgpu0aEs&nav=sch_pd_pg_2)

Essas composições formam coletivos de guardanapos com mesma cor e do mesmo padrão estético, já que as possibilidades de variações de cores, pontos e de desenhos estéticos são praticamente infinitos. Importante esse destaque, pois essa característica demonstra as múltiplas e variadas aprendizagens possíveis dessa técnica, onde pode-se afirmar que não é possível se chegar a um aprendizado completo e finito do artesanato.

Sou educadora e pesquisadora da área de educação e de gênero. Trabalho com histórias de vida, trajetórias e memórias de mulheres. Por isso problematizo o trabalho e o espaço doméstico, pois sabemos que, historicamente, foi esse espaço delegado às mulheres, sendo alijadas de sua participação nos espaços públicos,



estes sim destinados aos homens. Esse contexto se reflete até hoje, no qual sabemos que as mulheres ainda lutam por equidade no mundo do trabalho, nos espaços escolares e em tantos outros espaços sociais.

Hirata e Kergoat (2007) desenvolvem um conceito que nos ajuda a problematizarmos o papel das mulheres no mundo do trabalho, que é a divisão sexual do trabalho. Para as autoras, no capitalismo, além da divisão social do trabalho – que alicerça as desigualdades de classe no mundo do trabalho – o trabalho no capitalismo também se separou por hierarquias baseadas no sexo, onde aos homens coube sua participação no crescente mercado capitalista e nos espaços públicos onde a cidadania se exercia, enquanto às mulheres coube sua participação quase que exclusivamente aos espaços privados, assumindo quase que exclusivamente e isoladamente a manutenção daquele espaço, incluindo todas as atividades ali presentes, como a criação e o cuidado dos filhos e demais membros da família, os cuidados e a manutenção da própria residência, incluindo limpeza, alimentação, vestuário, etc.

Estudos recentes vêm demonstrando, inclusive no Brasil<sup>3</sup>, que embora a inclusão das mulheres nos espaços públicos venha ocorrendo, elas acumulam tempos de trabalho nos espaços públicos com o trabalho nos espaços domésticos, gerando duplas e/ou triplos jornadas de trabalho.

Com isso podemos inferir que a lógica de funcionamento da família patriarcal tradicional – construídas sobre os alicerces de diversos discursos<sup>4</sup> que, cada um ao seu modo e de diferentes formas – pouco se alterou nos últimos séculos. Aspectos fundantes do patriarcado, como a centralização de poder nas mãos dos homens, aliado a submissão das mulheres e crianças, mesmo que com novas

3 Sobre isso ler texto de Leone, no livro *Mundo do trabalho das mulheres*, publicado em 2017. A referência completa encontra-se no final do texto.

4 Sobre isso ler a obra *Tempos diferentes discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*, de Ana Maria Colling, publicado pela editora da UFGD em 2014. Neste livro, a autora aborda diversos discursos que foram desenvolvidos ao longo da história e que construíram as bases para o patriarcado. Os discursos que aparecem na obra são: discurso filosófico, discurso religioso, discurso médico, discurso psiquiátrico e discurso psicológico.

formas, continua produzindo seu impacto, como aumento nos índices de violência contra as mulheres<sup>5</sup>, por exemplo.

Mas como e de que forma os coloridos guardanapos feitos em crochê, tão comuns em nossas trajetórias de vida, especialmente na infância, se relacionam com a lógica de implementação e manutenção do patriarcado?

Para que possamos continuar com nosso debate sobre o tema, apresento a trajetória de uma mulher que conheci e que serve como exemplo que bem nos auxilia a visibilizar as identidades femininas tradicionais.

## **TRAJETÓRIA DE VIDA DE MARIA: ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL**

Considerando as memórias e vivências que carregamos conosco, aqui destaco algumas passagens que pude acompanhar e que me ajudaram a fazer as reflexões que desenvolvo neste texto. Destaco a trajetória de uma pessoa idosa que conheci, nascida na década de 20 do século passado, e que podemos dizer que foi uma mulher típica de sua geração. Aqui chamaremos ela de Maria. Faleceu com quase noventa anos de idade, há oito anos atrás. Teve sua origem na área rural, pois era filha de pequenos agricultores na região sul do país. Viveu parte de sua vida no campo, onde nasceram os primeiros filhos, de um total de cinco (três mulheres e dois homens). Como parte da história desse país, sua família abandona a dura vida do campo e acaba se mudando para a cidade mais próxima, em busca de novas e melhores oportunidades de vida e de trabalho, constituindo o processo de migração do campo para a cidade, acontecimento comum na época (nos anos 60).

Sua trajetória de vida se constituiu no típico cotidiano do que chamamos comumente de “dona de casa”, com todas as dificuldades e lutas diárias de uma vida difícil de uma mulher de família pobre de sua geração, numa época que a tecnologia ainda pouco facilitava a vida das mulheres. Nunca soube se Maria frequentou

---

5 Dados mostram o aumento no número de feminicídios no Brasil, que atualmente é o quinto país do mundo neste índice. (Ver dados mais detalhados em ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019. A referência completa encontra-se ao final do texto).

uma escola. Inclusive ao longo do tempo de nossa convivência<sup>6</sup> fiquei em dúvida se ela era alfabetizada, pois nunca a vi lendo nada, mas lembro de presenciar, frequentemente, ela manuseando com muita destreza revistas específicas de costuras, contendo moldes de roupas.

Falando em roupa, Maria foi costureira durante boa parte de sua vida. Costurava em casa, onde atendia as/os clientes. Como quem trabalhava no espaço público era seu marido, Maria, como tantas outras mulheres, nunca se considerou ou foi considerada trabalhadora, mas sempre se via e era vista como 'dona de casa' ou 'do lar'. O dinheiro que conseguia com suas costuras 'pra fora' foi fundamental no sustento de sua família e na criação de seus filhos e filhas.

Maria também fazia muito crochê. Era autora de uma grande diversidade de jogos de guardanapos de crochê, de diversas cores e tamanhos variados, os quais presenteava os diversos membros da família e amigos próximos. Eu mesma recebi de Maria diversos jogos de crochê de presente, os quais até hoje guardo comigo com muito carinho. Foi com ela que aprendi a fazer crochê, olhando, perguntando e ela, pacientemente, me ensinando.

Maria representa a vida de muitas mulheres brasileiras que, criando seus filhos com o seu trabalho, não foi reconhecida e nem se reconheceu como trabalhadora. São trabalhos invisíveis que ocorrem nos espaços domésticos que a área de conhecimento da economia capitalista hegemônica não valoriza e nem reconhece. São tempos e energia que consomem muitas mulheres, especialmente as pertencentes das classes populares, e que parece que ninguém se importa.

A partir dos dados do IBGE (2019), as tendências atuais de acesso ao mercado de trabalho e a educação das mulheres brasileiras reforçam ainda mais as discrepâncias na relação de gênero. O gênero masculino impõe superioridade em todos os campos e espaços da década de 1970 até as duas primeiras décadas do século XXI, provocando as reflexões sobre a importância e o papel das mulheres neste século, a partir do equilíbrio de direitos,

---

<sup>6</sup> Conheci Maria quando eu ainda era muito jovem, tinha 17 anos de idade. Mantivemos contato próximo até sua morte, quase trinta anos depois do primeiro encontro.

oportunidades frente às desigualdades enfrentadas por elas. Os dados apontam que mesmo com a ampliação da participação das mulheres no mercado de trabalho e o aumento da escolarização das mulheres, elas ainda continuam dedicando maior tempo e participação nos afazeres domésticos e cuidados de pessoas. O estudo aponta que são 21 horas e meia por semana do seu tempo dedicado a essas atividades, enquanto os homens dedicam em média 11 horas por semana. Tal realidade impõe as mulheres a precarização do trabalho, aumento da informalidade e menor renda, pois enquanto 15,6% dos homens estavam em empregos de até 30 horas semanais, 29,6% das mulheres tinham empregos com até esta carga horária. Em relação ao que é recebido pelo trabalho, as mulheres brasileiras receberam cerca de 77,7% do rendimento dos homens. Em 2019, o salário médio mensal dos homens no Brasil foi de 2.555 reais, enquanto o das mulheres foi de 1.985 reais<sup>7</sup>.

Considerando o contexto atual, em relação a pandemia, os dados de precarização e exclusão das mulheres do mercado de trabalho são discrepantes quando comparados aos dos homens, pois a proporção de homens com 14 anos ou mais de idade trabalhando no espaço público continua superior ao de mulheres deste mesmo grupo etário. No segundo trimestre de 2021, o nível de ocupação dos homens no Brasil foi estimado em 59,9% e o das mulheres, em 40,4%<sup>8</sup>.

Assim, os indicadores mostram que as mulheres seguem em desvantagem em relação aos homens. No segundo trimestre de 2019, a taxa de ocupação delas (46,2%) era inferior à do sexo masculino (64,8%). No mesmo período de 2020, houve redução para 39,7% no caso das mulheres e 58,1% para os homens. Portanto, podemos afirmar que, mesmo antes da pandemia, as mulheres já possuíam uma maior chance de mudar da situação de ocupada para inativa e uma menor chance de entrar na condição de ocupada; no entanto, a crise intensificou ainda mais essas probabilidades (IPEA, 2021).

Quanto à Maria, viveu toda sua vida trabalhando muito, muito mesmo. Em seu leito de morte, lembro de vê-la já muito fraquinha,

7 Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html>. Acesso em: 01 nov. 2021.

8 (IBGE, PNAD, 2021. Recorte temporal entre 2012 - 2021).

quase desfalecendo, em um estado profundo de inconsciência, não havendo mais respostas intencionais à estímulos externos, mas fazia certos movimentos com as mãos como se estivesse ‘costurando’, ‘cortando tecido’ com uma tesoura imaginária, ou ainda, ‘fazendo crochê’. Foi com esses movimentos que Maria partiu desse mundo. Confesso que essa imagem nunca saiu da minha memória.

## ARTE E ARTESANATO NA PERSPECTIVA FEMINISTA: ENTRE A MANUTENÇÃO E A DENUNCIÇÃO

A artista contemporânea portuguesa Joana Vasconcelos é uma artista muito premiada e conceituada internacionalmente. O processo criativo de Joana Vasconcelos se utiliza da descontextualização e subversão de objetos pré-existentes e realidades do cotidiano. Esculturas e instalações, reveladoras de um agudo sentido de escala e domínio da cor colaboram na materialização de conceitos desafiadores das rotinas programadas do cotidiano. A artista elabora sua crítica social, especialmente no que se refere ao universo feminino, problematizando as diferenças de classe. Dessa forma, ela aproxima e faz aflorar as dicotomias privado-público, artesanal-industrial, popular-erudito.

A natureza do processo criativo de Joana Vasconcelos assenta na apropriação, descontextualização e subversão de objetos pré-existentes e realidades do cotidiano. [...] a artista oferece-nos uma visão cúmplice, mas simultaneamente crítica, da sociedade contemporânea e dos vários aspetos que servem os enunciados de identidade coletiva, em especial aqueles que dizem respeito ao estatuto da mulher, diferenciação classista, ou identidade nacional. Resulta desta estratégia um discurso atento às idiosincrasias contemporâneas, onde as dicotomias artesanal/industrial, privado/público, tradição/modernidade e cultura popular/cultura erudita surgem investidas de afinidades aptas a renovar os habituais fluxos de significação característicos da contemporaneidade.<sup>9</sup>

Trago aqui alguns exemplos de sua vasta obra, em produções nas quais utiliza a técnica *crochê art*. Na série de esculturas a seguir,

9 In: < <http://www.joanavasconcelos.com/biografia.aspx>>. Acesso em 13.09.2020.

a artista cobre esculturas femininas de estilo clássico com malhas coloridas de crochê, numa visível aproximação do erudito com o popular, da arte clássica com o artesanato popular, tendo o corpo feminino como suporte.

**Figura 5:** Joana Vasconcelos. A Ilha dos amores, 2006.



**Fonte:** <<http://www.joanavasconcelos.com/det.aspx?f=618&o=403>>

Outros objetos também tem sido, ao longo da trajetória da artista, palco da técnica de *crochê art*. A próxima imagem mostra um exemplar da grande série Bordalos/Rãs, na qual a artista produz modelos de rãs forradas com diversas cores e pontos de crochê, desde 2005.

**Figura 6:** Joana Vasconcelos. *O Príncipe*. 2005. [Faiança de Rafael Bordalo Pinheiro pintada com vidro cerâmico, croché em algodão feito à mão. 13 x 39 x 34 cm]



**Fonte:** <<http://www.joanavasconcelos.com/info.aspx?oid=273>>

Na obra acima, a autora nos provoca a problematizarmos o imaginário do conto de fadas, onde as princesas (representadas pelas mulheres) ficam à espera dos príncipes encantados (enquanto representações da figura masculina). Na obra denominada *Príncipe*, a artista apresenta a figura de uma rã envolta em croché, o que visivelmente convida as mulheres a refletir sobre esse imaginário construído socialmente e historicamente e que não se configuram na vida concreta cotidiana das mulheres.

A artista Laurie Simmons constrói um obra que envolve a criação de fotografias, esculturas e filmes, que se referem a objetificação das mulheres. Nestas produções, Simmons utiliza basicamente o corpo feminino e os espaços domésticos enquanto seu espaço de criação (GREENBERGER, 2018). A seguir apresentamos uma de suas obras.

**Figura 7:** Laurie Simmons, Refrigerador de Abertura de Mulher / Leite à Direita, 1979.



**Fonte:** <https://www.artnews.com/art-news/news/archives-looking-laurie-simmonss-work-decades-11347/>

A Fig. 7 mostra uma das produções artísticas de Laurie. O uso de bonecas em interiores de espaços domésticos denuncia a presença e a importância dos lares nas vidas das mulheres. Ali, as mulheres são parte de aquele espaço, misturando-se e compondo os cenários dos lares. Assim, “o foco de Simmons está na despersonalização da dona de casa moderna” (GREENBERGER, 2018). Dessa forma, as mulheres se coisificam, se constituindo em mais um utensílio doméstico, misturado aos demais aparatos e equipamentos desse espaço chamado ‘lar’.

## **PELA SUSTENTABILIDADE DA VIDA HUMANA: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para encerrar, quero trazer aqui a colaboração da obra da economista feminista chilena Cristina Carrasco. Ela é considerada a elaboradora de um novo paradigma, denominado *Paradigma da Sustentabilidade da Vida Humana*. Nesta proposta, a pesquisadora propõe que o trabalho doméstico – hoje invisível dos estudos da economia dos países – passe a dominar a área econômica e assume um papel muito maior e mais profundo.



Carrasco (2003) sustenta seus argumentos, baseada na enorme importância de inúmeras atividades que ocorrem no espaço doméstico que, segundo ela, são o que possibilitam a reprodução e manutenção da vida humana. Defende o trabalho doméstico como fundamental para a manutenção desse espaço, e, por isso, o trabalho deve ser dividido entre todos que ocupam a casa.

Portanto, penso que devemos ter muito cuidado quando, por ventura, nos percebermos acusando nossas antepassadas de terem sido mulheres submissas ao patriarcado e que o trabalho doméstico 'alienante' foi o que as manteve na submissão e subalternidade. Sabemos que, em outros períodos históricos, esse discurso foi muito forte entre as defensoras das causas feministas, e o embate com o espaço doméstico parecia necessário pois, à primeira vista, a mulher apenas se libertaria da opressão masculina se saísse do espaço doméstico e ingressasse nos espaços públicos, dominados pelos homens. Esse pensamento fez com que as mulheres também acabassem por desvalorizar o doméstico em prol de um processo de emancipação, especialmente no mundo do trabalho.

Sabemos que historicamente, esse processo de incorporação das mulheres no mundo do trabalho foi importante, mas não devemos menosprezar a importância do trabalho nos espaços privados. O trabalho doméstico deve e precisa ser redimensionado, pois sabemos que o que acontece no privado interfere – e muito – no que ocorre nos espaços públicos. Conforme Carrasco (2003), é no espaço doméstico que vai se dar o cuidado com a vida humana em todas as dimensões, não apenas material, mas afetiva e psicológica.

## REFERÊNCIAS

**ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019.** Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf)>. Acessado em 25 nov. 2015.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: NOBRE, Miriam, FARIA, Nalu (orgs.). **A produção do viver**: ensaios de economia feminista. São Paulo: SOF, 2003. p. 11-49.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal: EDUFRN, 2012.

GREENBERGER, Alex. Dos arquivos: olhando para o trabalho de Laurie Simmons ao longo das décadas. In: **Artnews**, 2018. <<https://www.artnews.com/art-news/news/archives-looking-laurie-simmonss-work-decades-11347/>>. Acessado em 24 nov. 2019.

HIRATA, Helena, KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

IPEA. **Mercado de trabalho**: conjuntura e análise. Brasília: IPEA, Ministério do Trabalho, 2021. <[http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2021/05/210512\\_bmt\\_71\\_nota\\_tecnica\\_a3.pdf](http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2021/05/210512_bmt_71_nota_tecnica_a3.pdf)> Acessado em: 23/06/2022.

LEONE, Eugenia Troncoso. Os impactos do crescimento econômico com inclusão social na participação das mulheres no mercado de trabalho. In: LEONE, Eugenia Troncoso Leone, KREIN, José Dari, TEIXEIRA, Marilane Oliveira (orgs.). **Mundo do trabalho das mulheres**: ampliar direitos e promover a igualdade. São Paulo: Secretaria de Políticas do

Trabalho e Autonomia Econômica das Mulheres / Campinas, SP: Unicamp. IE. Cesit, 2017. p. 13-37.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. 2 ed. São Paulo. Sundermann, 2008. 152 p.